

# economia

## Mulheres gaúchas ampliam presença na B3

Presença feminina no mercado de investimentos vem impactando diretamente a gestão financeira no ambiente doméstico

### / MERCADO FINANCEIRO

Gabriel Margonar  
gabrielm@jcrs.com.br

O número de mulheres investidoras no Rio Grande do Sul cresceu 18% entre 2024 e o primeiro quadrimestre de 2026. Dados da B3 mostram que o Estado passou de 71,5 mil para 84,4 mil investidoras no período (em um universo de 344.051 pessoas), consolidando um movimento que vem transformando o perfil do mercado financeiro gaúcho - e também a forma como muitas famílias lidam com planejamento, patrimônio e educação financeira dentro de casa.

O avanço acompanha uma tendência nacional que, segundo especialistas, é impulsionada por fatores como maior acesso à informação, popularização das plataformas digitais e busca por autonomia financeira. Para a educadora financeira e professora dos cursos de Ciências Contábeis e Economia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) Wendy Carraro, o movimento ganhou força principalmente após a pandemia e foi intensificado por episódios recentes de instabilidade econômica e social.

“A pandemia deixou muito evidente a necessidade de organização financeira. Depois disso, ti-

vemos também eventos como as enchentes, que reforçaram a importância de ter reserva financeira e planejamento de longo prazo. Ao mesmo tempo, houve uma ampliação enorme da educação financeira e da digitalização dos investimentos”, afirma.

Segundo Wendy, as mulheres passaram a ocupar um espaço historicamente dominado por homens, mas com um comportamento diferente na hora de investir. Estudos da própria B3 e de instituições internacionais indicam que investidoras tendem a ser mais cautelosas, diversificar mais a carteira e priorizar objetivos de longo prazo. “Existe uma busca maior por segurança, estabilidade e construção de patrimônio. Muitas vezes, o foco está em aposentadoria, proteção financeira e organização familiar, não apenas em rentabilidade imediata”, explica.

A professora também avalia que a mudança ultrapassa o universo individual e impacta diretamente o ambiente doméstico. “Historicamente, muitas decisões financeiras eram centralizadas na figura masculina. Isso vem mudando. Quando a mulher participa mais ativamente do planejamento financeiro, isso influencia consumo, prioridades e até a educação dos filhos sobre dinheiro” diz.

É justamente essa relação en-

tre investimentos e cotidiano familiar que aparece na trajetória da assessora de investimentos Natália Pinto, em Porto Alegre. Investidora desde antes de entrar oficialmente no mercado financeiro, em 2008, ela afirma que o aprendizado começou após erros na própria gestão financeira.

“Minha primeira experiência com dinheiro foi negativa. Quando comecei a trabalhar, gastei mais do que ganhava e entrei naquele ciclo de financiar e pagar. Depois, trabalhando em banco, comecei a entender organização financeira e virei investidora”, relata.

No início, Natália investia em poupança e CDBs. A primeira experiência na renda variável foi com ações da Petrobras. Hoje, quase duas décadas depois, ela percebe uma mudança significativa na presença feminina no setor.

“Antes, eu atendia muito mais homens interessados em investimentos. Hoje vejo mulheres muito mais interessadas em aprender, estudar e conversar sobre finanças. Muitas me procuram para perguntar por onde começar”, afirma.

Mãe de dois filhos, de 7 e 11 anos, ela transformou a educação financeira em parte da rotina da família. Cada criança possui uma conta para administrar pequenos gastos, enquanto Natália acompanha o uso do dinheiro e incentiva



DIVULGAÇÃO/B3/JC

Rio Grande do Sul passou de 71,5 mil investidoras, em 2024, para 84,4 mil

reflexão antes das compras.

“Não é só ensinar a guardar dinheiro. É ensinar a pensar antes de consumir, pesquisar preço, entender escolhas. Educação financeira está muito ligada à formação de hábitos”, diz.

Segundo ela, até temas mais complexos, como criptomoedas e renda variável, já entram nas conversas dentro de casa. “Hoje, as crianças têm muito acesso à informação. Então tento dar ferramentas para que aprendam a decidir e também a verificar se aquilo que estão lendo faz sentido”, conta.

O líder regional da XP Investimentos no Sul, Renato Sarreta, afirma que o perfil das investidoras também mudou nos últimos anos. Se antes muitas chegavam ao mercado financeiro em mo-

mentos de ruptura, como separações ou heranças, agora o movimento é mais espontâneo.

“Atualmente, vemos mulheres mais jovens, que chegam por iniciativa própria, com objetivos claros e disposição para aprender. Cresceu também a presença de empreendedoras buscando independência financeira e construção de patrimônio”, afirma.

Para Sarreta, o crescimento da presença feminina tende a produzir efeitos positivos dentro das famílias. “Quando a mulher assume um papel ativo nas decisões financeiras, observamos mais planejamento de longo prazo, maior preocupação com reserva de emergência e mais diálogo com os filhos sobre dinheiro desde cedo”, conclui.

## Colegas de trabalho e parceiras nos investimentos

O interesse da servidora pública Márcia Martins, 57 anos, pelo mercado financeiro começou depois de uma conversa no ambiente de trabalho. Acostumada a investir apenas na poupança desde os 17 anos, ela via a Bolsa como um espaço distante e predominantemente masculino.

“Eu assistia àquelas imagens dos pregões na televisão e achava que aquilo era para homens e pes-

soas com muito dinheiro”, lembra.

A mudança começou em 2024, quando passou a conversar sobre investimentos com a colega Miriam Alves, 60 anos, também servidora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Miriam havia começado a estudar educação financeira durante a pandemia e incentivou a amiga a conhecer melhor o funcionamento da Bolsa.

“Ela me mostrou que investir era mais acessível do que eu imaginava. Isso despertou minha curiosidade e comecei a estudar”, conta Márcia.

Miriam afirma que iniciou praticamente do zero, após fazer cursos online voltados ao público feminino. “Eu tinha dinheiro na poupança e morria de medo de investir. Comecei anotando tudo em cadernos para entender con-

ceitos básicos como Selic, CDB e ações”, relata.

Com o tempo, passou a investir em ações brasileiras, ativos internacionais e até Bitcoin. Para ela, o conhecimento foi determinante para diminuir o receio: “O medo vem muito do desconhecido. Quando a gente entende minimamente o que está fazendo, ganha autonomia, segurança e, principalmente, liberdade”, afirma.

Hoje, Márcia diz que a experiência acabou se espalhando pela família. As filhas (duas mulheres) começaram recentemente a investir na Bolsa e ela se tornou incentivadora do tema dentro de casa. “Quero mostrar para elas que o mercado financeiro não é um espaço exclusivamente masculino. É um ambiente para quem quer aprender e construir independência financeira”, finaliza.



Utilize sua rede de relacionamento para ser um Agente Tributário

Sem custo de franquia. Sem custo de manutenção. Sem precisar entender de tributos.

Faça parte da primeira turma de parceiros: 26/05

Escaneie o QR Code e saiba mais

